
O ROTEIRO DE UMA
DAS
Primeiras Bandeiras Paulistas

Em Agosto de 1602, conforme refere Azevedo Marques na sua *Chronologia dos acontecimentos mais notaveis da Provincia de São Paulo* (p. 224), partiu de S. Paulo uma numerosa Bandeira. Não é provavel que fosse a primeira, mas é, pelo menos, a primeira da qual nos resta noticia um tanto minuciosa. O benemerito investigador das cousas patrias, Azevedo Marques, que cita como fonte das suas informações o inventario de Ascenso Ribeiro, um dos membros da expedição, diz que esta foi commandada pelo capitão Nicoláo Barreto, fazendo parte della diversas pessoas importantes da época, e que tomou a direcção de Mogy das Cruzes, com o fim ostensivo de descobrir minas de ouro.

E' evidentemente a esta expedição que se refere Pedro Taques de Almeida Paes Leme n'um manuscrito inedito conservado na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, dizendo que o Governador D. Francisco de Souza «fez entrar para o sertão a procura de prata a tropa de André de Leão, dando-lhe instrucções

datadas de 19 de Julho do mesmo anno». Como D. Francisco de Souza deixou S. Paulo em Junho de 1602 é provavel que a verdadeira data da expedição seja 1601. Quanto a differença no nome do commandante é provavel que Azevedo Marques se refira ao chefe do contingente civil e Pedro Taques ao da escolta militar.

A unica referencia a esta expedição, que se encontra nas chronicas publicadas de S. Paulo, é a da *Vida do padre Anchieta*, do padre Simão de Vasconcellos, que menciona o nome de Ascenso Ribeiro entre os exploradores do sertão, sendo provavel que se referia a esta mesma expedição de 1601. Dahi, é licito concluir que os resultados foram tão pouco satisfactorios, que, se por ventura, foram registradas informações desta Bandeira, estas têm ficado sepultadas nos archivos ainda ineditos daquella época. E', porém, facil ligar esta noticia de Azevedo Marques a outros factos conhecidos da historia de S. Paulo e, como espero provar, a uma outra noticia de origem estrangeira, que tem passado quasi despercebida dos historiadores, e assim reconstruir em traços geraes a historia daquella entrada pelo Sertão.

Pouco tempo antes desta expedição, em 1599, chegava a S. Paulo o governador-geral do Brazil, D. Francisco de Souza, sendo o objecto principal da sua vinda promover a exploração de minas e muito especialmente, conforme contam alguns historiadores, procurar uma serra chamada *Sabará-bussú*, reputada muito rica de prata e da qual elle tinha recebido noticia, estando no governo da Bahia. Esta ultima circumstancia, ligada com o seu proposito de fazer a exploração tendo São Paulo como base e ponto de partida, é interessante, por parecer indicar que a primeira noticia da celebre serra tinha sido levada á Bahia por algum explorador, ou

alguma Bandeira que de S. Paulo tinha varado pelo sertão até a Bahia, onde, provavelmente, fornecêra a D. Francisce de Souza um roteiro, pelo qual elle contava, seguindo a mesma derrota, redescobrir as reputadas minas. Ha, portanto, alguma probabilidade, senão absoluta certeza, de que a Bandeira de 1601 foi promovida por D. Francisco de Souza, com o fim especial de procurar minas de prata na serra de Sabará-bussú e que esta Bandeira, de character quasi official, tenha sido precedida por uma outra, puramente local, ou particular.

Conforme conta Frei Vicente de Salyador (*Historia do Brazil*, livro 4º, cap. 24º), tinha partido da Bahia durante a administração de D. Francisco de Souza a expedição de Gabriel Soares de Souza com o intuito de ganhar o rio S. Francisco e por elle subir «até á Lagoa Dourada, donde dizem que tem o seu nascimento», reputada ser muito rica em ouro, prata e pedras preciosas. Deu motivo a esta exploração as noticias e amostras que Gabriel Soares recebeu de um seu irmão que morreu no sertão. Assim parece que a lenda da Serra de Sabarábussú tinha de algum modo confirmado, ou substituido, uma anterior de uma Lagoa Dourada, ambas apontando a região do alto São Francisco como sendo de grande riqueza mineral. Neste tempo a fama das minas de prata do Perú preocupou de tal modo os espiritos no Brazil que vagas e mal fundadas noticias de minas de prata despertaram a attenção do governo, que tinha ficado quasi indifferente perante as verdadeiras descobertas de ouro, já então minerado em certa escala nas visinhanças de S. Paulo. Da mesma época, ou um pouco mais tarde, são as pretendidas descobertas de minas de prata no sertão da Bahia por Melchior Dias Moreya, parente de Gabriel Soares de

Souza e continuador das suas explorações. D. Francisco de Souza vinha a S. Paulo, portanto, com o intuito de promover officialmente a continuação na região do alto S. Francisco das mallogradas explorações de Gabriel Soares e de seu irmão e muito provavelmente de algum bandeirante paulista desconhecido que tinha tornado um tanto precisas as noticias destes a respeito da região. E' tambem possivel que a lenda da Serra de Sabarábussú nascesse das explorações das suppostas minas de esmeraldas no sertão atraz do littoral do Porto Seguro.

São estas as informações a respeito desta Bandeira que pudemos descobrir nas chronicas de origem portugueza. Ha, porém, numa obra de origem hollandeza, uma noticia que aparentemente se liga a este facto e que não tem sido devidamente discutida pelos unicos historiadores — Varnhagen e Capistrano de Abreu — que mostram ter conhecimento della. Este ultimo, que transcreveu a noticia por extenso na sua obra *Descobrimiento do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI* (p. 83), convidou-me a proseguir no estudo e na investigação por elle iniciados deste interessante documento, dando assim motivo ao presente escripto.

O documento em questão é um roteiro que vem estampado na grande obra sobre a Historia Natural do Brazil, publicada em lingua latina, em 1648, pelos naturalistas hollandezes Piso e Marcgraff. Annexos á parte zoologica, editada por Marcgraff, ha alguns capitulos de character geographico e ethnologico, nos quaes se conta a collaboração do historiador João de Laet, sendo provavel que todos estes capitulos fossem da sua lavra. Sobre esta circumstancia terei de voltar, mais adeante. O facto deste roteiro, o mais minucioso e claro de quantos têm sido conservados, ter sido incluido num

tratado de Historia Natural, provavelmente explica o fer elle escapado, por tanto tempo, á attenção dos historiadores.

Embora não seja um inedito, tendo sido estampado na referida obra de Piso e Marcgraff (á pags. 263 e 264) e recentemente reproduzido no já citado escripto de Capistrano de Abreu, este roteiro merece ser reproduzido por extenso, conjunctamente com as palavras com que Marcgraff, ou, mais provavelmente, João de Laet, o introduziu na sua obra. Devo a versão portugueza que segue ao habil latinista dr. Melchiades da Boa Morte Trigueiro.

«Julgo a proposito inserir aqui o roteiro que recebi de Wilhelm Glimmer, nosso compatriota. Conta elle que, na época em que vivia na Capitania de S. Vicente, chegára áquellas paragens, vindo da Capitania da Bahia, Francisco de Sousa; pois recebera de um brasileiro um certo metal, extrahido, segundo dizia, dos montes *Sabaroason*, de cor azul-escura ou celeste, salpicado de uns granulos côr de ouro. Tendo sido examinado pelos entendidos em mineração, reconheceu-se que esse metal continha, em um quintal, trinta marcos de prata pura. Fascinado por essa amostra, o governador, julgando conveniente explorar mais cuidadosamente esses montes e as minas que elles encerravam, resolveu mandar para lá setenta ou oitenta homens, entre portuguezes e brasileiros. Fez parte dessa expedição o nosso Glimmer, que della faz a seguinte descripção:

«Partindo da cidade de S. Paulo, na Capitania de S. Vicente, chegámos, primeiro, á povoação de S. Miguel (distante de S. Paulo cinco ou seis leguas para o Nascente), á margem do rio *Anhembi*, e nesse lugar achámos preparadas as provisões, que os selvagens ti-

nham de carregar nos hombros. Atravessámos, depois, aquelle rio e, com uma marcha de quatro ou cinco dias a pé, através de densas mattas, seguimos rumo de Norte, até um riacho que nasce nos montes Guariumimis, ou Marumimimis, onde ha minas de ouro. Aqui, apparelhadas algumas canôas de cascas de arvores, continuámos rio abaixo, durante cinco ou seis dias, e fômos ter a um rio maior que corria da região occidental. Aquelle primeiro riacho desliza por sobre campos baixos e humidos, notaveis por sua amenidade. Tendo descido este rio maior, em dous dias, encontrámos outro ainda muito maior, que nasce no lado septentrional da serra de *Paranapiacaba* (assim como o Anhemi nasce no lado austral da mesma Serra), e correndo, a principio, para o Occidente, na mesma direcção dos montes, depois, formando um cotovello, se encaminha por algum tempo para o Norte, e, afinal, como geralmente se crê, se lança no Oceano, entre o Cabo Frio e a Capitania do Espirito Santo; chamam-n'o rio de *Sorobis* e é abundantissimo em peixes, tanto grandes como perquenos. Descendo tambem este rio, durante quinze ou dezeseis dias, chegámos a uma cataracta, onde o rio, apertado entre montanhas alcantiladas, se despenha para o Nascente.

«Por isso, abicámos neste ponto as nossas canôas e marchámos outra vez a pé, ao longo de outro rio que desce do lado occidental e não se presta á navegação. Com cinco ou seis dias de marcha, chegámos á raiz de um monte altissimo, e, transpondo-o descêmos a uns campos mui descortinados e aqui e acolá sombreados de bosques, nos quaes se vêem lindissimos pinheiros, que dão fructos do tamanho de uma cabeça humana; as nozes desses fructos têm a grossura de um dedo médio e são protegidas por uma casca, como

as castanhas, e são mui agradaveis ao paladar e nutritivas. (Presumo que Glimmer se refere aqui á arvore da Sapucaia). Por muitas milhas no interior se encontram arvores desta especie.

«Tres dias depois, chegámos a um rio, que deriva do Nascente, e, atravessando-o, durante quatorze dias, tomámos a direcção de Noroeste, através de campos abertos e outeiros despídos de arvores, até outro rio, que era navegavel e corria da banda do Norte. Atravessámo-lo numas embarcações chamadas *jangadas*, e, quatro ou cinco leguas mais adeante, topámos outro rio que corria quasi de Norte e era navegavel. Creio, porém, que estes tres rios, afinal, confluem num só leito e vão desaguar no *Paraguay*, em razão de que o curso delles é para o Sul, ou para o Occidente. Em toda a viagem até aqui descripta nada vimos que denotasse cultura, não encontrámos homem algum, apenas aqui e alli aldeias em ruinas, nada que servisse para alimentação, além de hervas e algumas fructas sylvestres; todavia, observavamos ás vezes fumaça, que se erguia no ar, pois por aquellas solidões vagueavam com sua mulheres e filhos alguns selvagens, que não tinham domicilio certo e não curavam de semear a terra. Junto a este ultima rio, encontrámos, finalmente, numa aldeia de indigenas, viveres em abundancia, que vinham muito a proposito, visto que já estavam consumidos os que comnosco tinhamos trazido, e já a fome nos obrigava a comer fructas sylvestres e hervas do campo.

«Tendo-nos demorado aqui quasi um mez, abastecidos de vitualhas, proseguimos a nossa viagem em rumo de Noroeste e, decorrido um mez, sem encontrar rio algum, chegámos a uma estrada larga e trilhada e a dous rios de grandeza diversa, que, correndo do Sul,

entre as serras *Sabaraasu*, rompem para o Norte; e é minha opinião que esses dous rios são as fontes ou cabeceiras do Rio S. Francisco. Da aldeia sobredita até estes rios não vimos pessoa alguma, mas soubemos que além das montanhas vivia uma tribu de selvagens assás numerosa. Estes, informados (não sei como) da presença de europeus naquelles sitios, despacharam um dos seus para nos espreitar. Cahindo este em nosso poder, démo-nos pressa em arripiar carreira, de medo desses barbaros e por nos escassearem os viveres, ficando por explorar o metal por cuja causa havíamos sido mandados; e, quasi mortos de fome, voltámos áquella aldeia de selvagens.

«D'ahi, recuperadas as forças e aparelhados os viveres, pelo mesmo caminho por onde vieramos regressámos áquelle rio, onde havíamos deixado as canôas, e, revigorados, saltámos nellas e subimos o rio até as suas fontes; e assim gastos nove mezes nesta expedição, voltámos primeiro a Mogomimin, depois, á cidade de S. Paulo.»

As circumstancias de ter sido a expedição de que trata este roteiro promovida por D. Francisco de Souza que da Bahia passou a S. Paulo para este fim especial, de ter tomado o rumo de norte ou de Mogy das Cruzes, e de ser composta de pessoal tão numeroso e escolhido, que até nelle figuron um estrangeiro que se mostra ter sido pessoa de certa instrucção e posição social, parecem concludentes para a identificação da Bandeira do roteiro com a de 1601, noticiada por Azevedo Marques, ou, pelo menos, com uma outra do mesmo character e de cêrca da mesma época. Como é bem sabido, diversas casas commerciaes de Antuerpia mantiveram desde os primeiros tempos da colonia, relações com Santos e S. Vicente, onde tiveram representantes

e empregados, entre os quaes é provavel que se achasse, no tempo desta expedição, o referido Guilherme Glimmer. Ao que parece, como veremos mais adeante, o roteiro foi redigido muitos annos depois dos acontecimentos relatados, estando, portanto, sujeito a falhas de memoria, ou erros de transcripção, aos quaes se podem attribuir certas difficuldades de interpretação e especialmente a descripção um tanto phantastica do mineral de prata trazido da Serra de Sabarábussú, que motivou a expedição. A respeito desta descripção, é de se suspeitar uma confusão entre os caracteres das supostas esmeraldas e saphiras que, naquelle tempo, eram objecto de grande expectativa e curiosidade na Bahia, e algum outro mineral com o aspecto de ouro, e muito provavelmente pyrite. E' possivel que este ultimo fosse o verdadeiro mineral da Serra de Sabarábussú, sendo da Serra das Esmeraldas o azul com elle confundido na noticia. Quanto ao alto teor em prata attribuido ao mineral, muito superior ao que se tem verificado até hoje em qualquer mineral brasileiro authenticico, é provavel que houvesse erro de ensaio, tal qual como em alguns exemplos do tempo corrente que podiam ser citados. Cêrca da mesma época, ou poucos annos mais tarde, um ourives da Bahia achou ricas em prata umas pedras que tinham sido colleccionadas por Melchior Dias Moreya e que deram origem á lenda das minas de Roberio Dias, mas que, ensaiadas convenientemente em Lisboa, nada produziram deste metal.

Comparado com a generalidade das noticias sobre as primeiras explorações no interior do Brasil, o roteiro de Glimmer é excepcionalmente claro e explicito, de modo a permittir identificar muito satisfactoriamente, não sómente os traços geraes da derrota, como tambem muitos dos seus detalhes.

Partindo de São Miguel, nas margens do Tieté, perto de São Paulo, a Bandeira passou para um afluente do Parahyba, ganhou este rio, navegou por elle abaixo, até a sua secção encaichoçada, galgou a Serra da Mantiqueira, passou diversos rios attribuidos correctamente ao systema platino e penetrou até proximo ao alto São Francisco. Até entrar na bacia de S. Francisco, este caminho deve corresponder muito proxima, se não exactamente, com o da Bandeira de Fernão Dias Paes Leme, uns setenta annos mais tarde, e com o que depois da descoberta de ouro, se tornou celebre como o caminho para as Minas-Geraes. Sobre a derrota de Fernão Dias, não temos detalhes, senão do Rio Grande para o norte, onde diverge da do actual roteiro; mas para a dos mineiros existe o precioso roteiro dado por Antonil, na sua obra intitulada *Opulencia e cultura do Brazil*, publicada em Lisboa, em 1711. Pela comparação desses dous roteiros e levando em consideração a probabilidade de que a derrota de ambas fosse determinada por caminhos já existentes dos Indios, sendo, portanto, provavelmente identicas, é possível reconstruir grande parte do caminho da Bandeira de 1601.

Os dous rios menores que deram accesso ao Parahyba eram indubitavelmente o Paratehy e Jaguary. A Serra de Guarimumis, ou Marumiminis, é a actualmente conhecida pelo nome de Itapety, perto de Mogy das Cruzes, sendo possível que estes nomes antigos ainda sejam conservados no uso local. A referencia a minas de ouro nesta serra talvez seja um accrescimento na occasião de redigir o roteiro; mas é certo que, em 1601, havia, desde uns dez ou doze annos, mineração nas vizinhanças de São Paulo, e que, antes de 1633, quando foi publicada a edição latina da obra de João de Láet, em que vem a enumeração das minas pau-

listas, a houve na localidade aqui mencionada. A referência aos campos, ao longo do primeiro destes rios, é, talvez, um caso de confusão com os do rio Parahyba, visto que, conforme informações dos ajudantes da Comissão Geographica e Geologica, que ultimamente levantaram a planta do valle do Paratehy, alli não existem campos notaveis. O rio então conhecido pelo nome de Rio de Sorobis, bem que a sua identidade com o Parahyba do littoral já era suspeitada, foi alcançado na foz do Jaguary, em frente da actual cidade de São José dos Campos. Nota-se que, já nessa época, era conhecido o curso excentrico do alto Parahyba. Depois de 15 ou 16 dias de viagem, o rio foi abandonado no começo da secção encachoeirada, perto da actual cidade da Cachoeira, e a Bandeira galgou a Serra da Mantiqueira, seguindo um perqueno rio que, muito provavelmente, era o Passa Vinte, que desce da garganta que depois serviu para a passagem da estrada dos mineiros e hoje para a da estrada de ferro Minas e Rio. Passando o alto da Serra, a Bandeira entrou na região dos pinheiros, que os naturalistas hollandezes (que evidentemente não conheceram a Araucaria, desconhecida no Norte do Brasil) julgaram, pela descripção de Glimmer, que eram Sapucaias.

Deste ponto em deante, o roteiro torna-se um tanto obscuro, dando a suspeitar o ter havido alguma confusão na redacção. Os dados topographicos são: o rumo de noroeste e as passagens de tres rios, dos quaes dous maiores, navegaveis e vindo do norte, com a distancia de 4 ou 5 leguas entre um e outro. Os unicos rios em caminho das cachoeiras do Parahyba para a região do alto S. Francisco, que correspondem a esta descripção destes dois rios, são o Rio Grande e Rio das Mortes, pertó da sua confluencia. Ahi, o Rio Grande,

cujo curso geral é para o Oéste, corre por alguns kilometros do Norte, num grande sacco que sempre tem sido um ponto de passagem, e, a quatro ou cinco leguas adiante, o Rio das Mortes tambem vem num pequeno trecho do Norte (1). Este trecho é junto á estação de Aureliano Mourão, na estrada de ferro Oéste de Minas e poucos kilometros abaixo da povoação de Ibituruna, onde Fernão Dias estabeleceu um dos seus postos, talvez por encontrar perto a grande aldeia de Indios amigos, rica em mantimentos, de que fala o nosso Glimmer. Se, porém, este fôr o ponto de passagem do Rio das Mortes, não se encontra, a tres dias de viagem dos Pinheiros e a quatorze do Rio Grande, rio algum que pareça digno de menção numa narrativa em que não vem mencionado o Angahy. Este, pelo roteiro de Antonil, está a 22 ou 24 dias de viagem dos Pinheiros e a 4 ou 5 do Rio Grande. Para pôr os dous roteiros de accôrdo, identificando o primeiro rio de Glimmer com o Angahy, seria necessario inverter os termos dos tres e dos quatorze dias de viagem, suppondo um outro caso de confusão na redacção, como o já apontado com os campos do Paratehy e Parahyba.

Da passagem do Angahy o caminho dos mineiros dado por Antonil tomou mais para a direita, procurando São João d'El-Rei, via Carrancas. E' para notar que as marchas diarias do roteiro de Antonil são pequenas, sendo geralmente «até o jantar», o que explica

(1) Estes trechos em rumo de Norte a Sul, que não vem representados na maioria das cartas, são figurados no excelente mappa que acompanha o trabalho do fallecido dr. Augusto de Abreu Lacerda sobre a Bacia do Rio das Mortes, no *Boletin* n. 3 da Comissão Geographica e Geologica do Estado de Minas-Geraes.

talvez, a discordancia no numero de dias (de 14 a 22 ou 24) que se nota na hypothese de ser o Angahy o primeiro rio do presente roteiro.

Partindo da aldeia sobre o terceiro rio, a Bandeira caminhou durante um mez em rumo de noroeste, sem passar rio algum, até achar-se perto da confluencia de dous rios de diversas grandezas, que romperam para o norte, entre montanhas que foram identificadas com a desejada Serra de Sabarábussú. Aqui, foi encontrada uma estrada larga e trilhada, que nesta época não podia ser senão dos Indios e cuja existencia confirma a hypothese já lançada de que o Sertão era cortado por estradas dos Indios e de que a derrota desta e de subsequentes Bandeiras era por estes caminhos já existentes. A estrada seguida da aldeia por deante era pelo alto de um espigão, e, admittindo que o ponto de partida era nas vizinhanças de Ibituruna, temos tres hypotheses a considerar :

1º O espigão entre o Rio Grande e as cabeceiras dos rios Pará e S. Francisco.

2º O entre os rios Pará e S. Francisco.

3º O entre os rios Pará e Paraopeba.

O caminho pelo primeiro destes espigões, passando por Oliveira, Tamanduá e Formiga, até o alto S. Francisco, corresponde regularmente com o rumo dado, tendendo, porém, mais para o oeste do que para o noroeste, e cruzando o rio Jacaré que, comquanto não seja grande, parece de bastante importancia para ser mencionado. Por este espigão, porém, é difficil identificar os dous rios do fim da jornada e a serra cortada por elles, porque as Serras de Piumhy ou a da Canastra mal correspondem á descripção do roteiro. O segundo espigão daria para cahir na forquilha entre o Pará e o Itapecerica, ou entre o Pará e o Lambary, ou, finalmente, entre o Pará e o

S. Francisco. As duas primeiras parecem demasiado perto para a jornada de um mez, e na do Pará e São Francisco os dous rios devem figurar como tendo proximamente a mesma grandeza. O terceiro espigão daria, na hypothese de acompanhar de perto a margem direita do Pará, para cahir na forquilha entre este rio e seu affluente o rio de S. João, na passagem das serras na vizinhança da actual cidade de Pitanguy; e, sem poder pronunciar-me positivamente a respeito, sou inclinado a considerar esta como a hypothese mais provavel. Como confirmação parcial desta hypothese, temos a circumstancia de que Fernão Dias, que tambem andou procurando a mesma serra, tomou o espigão entre o Pará e Paraopeba, desviando-se, depois, para o norte, para passar este ultimo e ganhar o espigão entre elle e o Rio das Velhas.

Sem conhecimento da origem da lenda da Serra de Sabarábussú, é impossivel saber se a serra assim denominada pela Bandeira do 1601 era ou não a mesma, da qual a noticia tinha chegado á Bahia, dando motivo para esta exploração. E', porém, licito presumir que a Bandeira tivesse para se guiar algum roteiro ou indicações certas do primeiro descobridor e que, portanto, a sua identificação era mais ou menos bem fundamentada. Fernão Dias Paes Leme partindo, em 1674, com o intuito de explorar esta serra legendaria, em caminho para a das Esmeraldas, parece ter seguido o mesmo caminho, até Ibituruna, onde estabeleceu um posto, e dahi tomou rumo mais para oéste, cruzando os rios Paraopeba e Rio das Velhas, deixando um destacamento nas margens do primeiro e um outro no Sumidouro, proximo ao segundo. Não se tem identificado exactamente a posição deste Sumidouro, mas é de presumir que fosse na região calcarea ao oéste da actual cidade

de Sabará, onde é frequente o phenomeno do sumiço das aguas, como, por exemplo, no caso do desaguedouro da Lagôa Santa. Quando alguns annos depois foram descobertas ricas minas de ouro neste districto, o nome de Sabará ficou a elle ligado, ou porque se reconheceu que a serra vizinha era o verdadeiro Sabarábussú da lenda, ou, o que parece mais provavel, porque o nome que preoccupou a imaginação dos aventureiros daquelle tempo foi applicado á localidade que em riqueza (de ouro e não de prata) correspondia ao prediado principal da famosa serra.

Uma outra consideração de certa importancia historica é que a derrota do roteiro é a mais favoravel possivel entre S. Paulo e o alto S. Francisco, sendo habilmente aproveitadas as feições naturaes dos rios navegaveis, campos abertos, espigões descampados e gargantas baixas. E' pouco provavel que um grupo de homens creados em S. Paulo tivesse, na primeira investida do um Sertão inteiramente desconhecido, acertado, sem guias, tão bem com o caminho mais facil. A conclusão a tirar é que este Sertão já era trilhado pelos gentios e que os bandeirantes nesta, como em muitas outras entradas no Sertão, nas quaes se nota o mesmo acerto, apenas seguiram caminhos já existentes, pelos quaes communicavam entre si os indios de diversas tribus relacionadas, ou grupos destacados de uma mesma tribu.

A circustancia da existencia desta estrada larga e trilhada de que fala Glimmer, a noticia que temos por Antonio Knivet de outra estrada que elle seguiu na sua peregrinação, partindo de Paraty em expedições de iniciativa puramente india, a facilidade com que vinham mensageiros e viajantes do Paraguay, como Schmidel e outros, confirmam esta hypothese.

Com referencia ao auctor deste interessante roteiro, parece possivel adeantar alguma cousa, além da simples menção do seu nome e nacionalidade contidos na obra de Piso e Marcgraff. Como já foi dito, collaborou nesta obra João de Laet, que, em 1625, tinha publicado, em lingua hollandeza, uma grande obra descriptiva do Novo Mundo, da qual appareceu uma nova edição retocada em 1630, e em 1633 se publicou uma edição latina ainda muito augmentada e melhorada da qual se publicou, em 1640, uma traducção franceza. Nos capitulos referentes ao Brazil vêm muitas informações curiosas, que não se encontram nos escriptos citados como auctoridades para esta compilação (1) e que eram evidentemente obtidas particularmente de pessoas que tinham estado no Brazil. As referencias a S. Vicente e S. Paulo são especialmente ricas nestas informações particulares, que em parte são attribuidas a um certo flamengo que tinha morado em Santos, onde parece ter sido pessoa de certa importancia, visto que era dono de dous sitios ou fazendas.

A's informações deste flamengo (hollandez, ou, conforme a traducção franceza, *belga*) que appareceram na 1ª edição e foram reproduzidas nas subseqüentes, se accrescentaram na 2ª edição hollandeza algumas notas tiradas do escripto do inglez Knivet, publicado em 1625, e na edição latina de 1633 ainda outras, muito minuciosas, a respeito das minas em redor de S. Paulo e da região ao norte daquella villa e que

(1) Entre estes escriptos se conta o de um auctor portuguez anonimo, publicado em lingua ingleza na collecção de viagens de Purchas e que hoje se sabe ser, graças ás investigações de Capistrano de Abreu, do padre jesuita Fernão Cardim.

evidentemente foram fornecidas por algum informante particular que, entre os annos de 1630 e 1633, esteve em contacto pessoal com João de Laet.

Estas ultimas noticias revelam o mesmo conhecimento intimo e minucioso das cousas de S. Paulo e a mesma coordenação methodica que se notam no roteiro. Além disto, ha certos nomes locaes, como serra de Guaramunis ou Marumiminis e Rio de Sorobis, que só se encontram no roteiro e no escripto de 1632 de João de Laet. Dahi é licito concluir que o tal informante não era outro, senão o Guilherme Glimmer do roteiro publicado em 1648.

E' sabido que em 1636, e provavelmente por alguns annos antes e depois desta data, João de Laet occupou o cargo de secretario da grande Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes e é muito natural que esta companhia tivesse chamado a seu serviço um flamengo, que tinha residido no Brazil, ou recorrido á sua competencia, pondo-o, assim, em relações intimas com o auctor da obra de 1633 e editor do roteiro de 1648.

O seguinte trecho, traduzido da edição franceza de 1640, da obra de Laet, é tão parecido com o roteiro, que quasi póde ser denominado um resumo delle.

Finalmente, a quatro ou cinco leguas a léste de S. Paulo ha uma aldeia de indios, com os quaes habitam alguns portuguezes. Acha-se situada na margem do rio Iniambi e chama-se S. Miguel, e a umas quatro ou cinco leguas della, para o oriente, se encontra a villa de Mogi-mirim, contendo poucas casas e situada perto do rio Iniambi e das montanhas de Paranapiacaba. Algumas leguas acima desta villa, entre o encontro das montanhas Paranapiacaba e as que, confórme já dito, se es-

tendem de léste para o oéste, sae de tres ou quatro fontes o rio Iniambi. Tendo atravessado as montanhas, cujo rumo é de léste para o oéste, encontram-se outras terras e planicies espaçosas, cortadas por um outro rio grande, denominado Rio de Sorobis, que, depois de ter percorrido um grande espaço de terra e de se precipitar por diversos saltos, desembocca no Oceano, confórme se acredita, entre Cabo Frio e Espirito Santo. Ao oéste deste rio, existem extensas provincias campestres, mas que são pouco ou nada habitadas por selvagens e através das quaes correm em rumo de sudoéste diversos rios que, é de presumir, se lançam no grande Rio de la Prata. São limitadas pelo lado de noroéste por grandes e asperas montanhas, nas quaes se acredita que existem escondidos filões de ouro e de prata e das quaes saem alguns rios, principalmente aquelle que se lança no mar, entre Bahia e Pernambuco, e que se denomina Rio São Francisco».

Comparando esta descripção com o roteiro, nota-se tanta semelhança, que a conclusão é irresistivel de que o informante era o mesmo. Em ambas vêm o nome de rio de Sorobis e a sua identificação com reservas com o Parahyba, bem como a referencia com a mesma reserva dos rios da região campestre ao systema platino, em contraste com a identificação positiva dos rios do fim da viagem com o S. Francisco, que era conhecido em quasi todo o seu curso pelas explorações anteriores, partidas da Bahia e Espirito Santo. Comtudo esta descripção é, em alguns respeitos, mais minuciosa do que o roteiro, e é especialmente para notar que é mais exacta em referencia ao ponto já referido dos campos do Parahyba. Pode-se suppôr que tanto a descripção como o roteiro foram dictados pela mesma pessoa, porém em occasiões differentes, a João de Laet, e que as discrepancias acima notadas no roteiro foram

devidas a um lapso da memoria, por parte do narrador, ou, talvez, a um descuido por parte do redactor.

Assim, é certo que um flamengo, chamado Guilherme Glimmer, acompanhou uma expedição para o Sertão, organizada em São Paulo, no tempo da administração de D. Francisco de Souza, e ha forte probabilidade de que esta expedição era a de 1601 e, mais que o mesmo Glimmer esteve depois de 1630 e antes de 1633 na Hollanda, onde forneceu valiosas informações a respeito de S. Paulo a João de Laet. O nome de Glimmer apparece uma outra vez na historia do Brazil, em uma carta escripta em 1633 pelo official hollandez Walbeck e incluída na collecção de documentos feita na Hollanda por Joaquim Caetano da Silva conservada na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, da qual extrahimos o seguinte trecho, traduzido do original hollandez por nosso digno consocio o Sr. Eugenio Hollender:

«Depois que a Bahia foi retomada pelos Portuguezes tirou Francisco Dias d'Avila das informações que lhe tinha deixado o seu pai certos esclarecimentos sobre a riqueza das minas de Cormorú [Caramurú, conforme Varnhagem].

«Empreheendeu a viagem até lá com varias pessoas; partiram da moradia do dito Francisco (situada a 12 leguas ao norte da Bahia), viajaram durante seis semanas sempre em direcção Norte, até que chegaram ás referidas minas, collocadas em gráo identico ao da cidade de Olinda, e pelos Tapuys, moradores das ditas montanhas, souberam que elles poderiam ter chegado as ditas minas em quinze dias! Estas minas são tão ricas de prata (segundo o relatorio do Senhor Cavalleiro Domingos Fernandes, pessoa que temos empre-

gado muito em Brazil, e que acompanhou esta expedição e de cujo relatório eu tirei o que vos narro), como aquellas descobertas no Perú ou na nova Hespanha, e o salitre tambem ahi se acha em grande abundancia; mas a continuação dos trabalhos da descoberta e a lavra das minas ficaram abandonadas por causa das dissensões que dellas resultaram entre o governador da Bahia, Luiz de Souza, e o referido Francisco Dias, e porque nesse mesmo tempo deu-se a perda de Pernambuco.

«Entretanto, tenho razões para acreditar que Guilherme Jost ten Glimmer, o muito digno governador de VV. SS.^a na Ilha Fernando, tivesse acompanhado o referido Francisco n'essa expedição, e que Vossas Senhorias n'esse sentido já terão recebido informações mais positivas que aquellas que eu vos posso dar».

Varnhagen, que conheceu esta carta de Walbeck, identificou esta expedição com a de S. Paulo porque o nome de Glimmer figura em ambas. A noticia da propria carta que parece ter sido fundada exclusivamente nas informações de Domingos Fernandes, o celebre *Calabar*, é um tanto confusa porque colloca esta expedição ora na administração de D. Luiz de Souza, em 1618—1621, e ora entre a reconquista da Bahia em 1624 e a perda de Pernambuco em 1630. E' sabido que este governador tinha ido, em 1618, examinar as minas de prata de Melchior Dias Moreya, na Serra de Itabaiana, e as achou de nenhum valor; mas é provavel que os parentes de Melchior (Francisco Dias de Avila era seu sobrinho) tentassem seguir o seu roteiro para o sertão. Difficil de explicação é a presença do hollandez Glimmer nesta expedição se a sua data é realmente posterior ao rompimento da guerra em 1622. Seja como for, pouca duvida póde haver que

este Glimmer tenha sido o mesmo da Bandeira paulista que, conforme já foi notado, parece ter regressado á sua patria e entrado em relações com João de Laet entre os annos de 1630 e 1633, supposição esta confirmada pela carta de Walbeck, que o dá como governando a ilha de Fernando Noronha por parte da Companhia da qual João de Laet era secretario.

Neste caso, a historia provavel é a seguinte :

O hollandez Guilherme Glimmer, estabelecido em Santos e talvez associado em negocios com um seu compatriota, que era proprietario de dois sitios ou fazendas denominadas *Tanse* [Tanque?] e *Cavane* [Cabana?], teve relações bastantes intimas com os seus vizinhos de origem portugueza para ser por estes convidado a acompanhar uma expedição ao sertão, organizada entre os principaes habitantes de S. Paulo por iniciativa do governador D. Francisco de Souza. Depois passou para a Bahia, onde, talvez por ter adquirido fama de bandeirante, tomou parte, entre 1619, anno da morte de Melchior Dias, e 1630, em uma expedição organizada por Francisco Dias de Avila para verificar as reputadas descobertas de minas de prata por seu tio Melchior Dias Moreya (1). Depois, voltando á Hollanda, entrou no serviço da Companhia das Indias Occidentaes, que muito devia apreciar um homem tão experimentado nas cousas do Brazil, e assim esteve em contacto, entre 1630 e 1633, com o secretario da Companhia, João de Laet, que se aproveitou das informa-

(1) Não sendo positiva a affirmação de Walbeck, é possível que elle, sabendo que Glimmer tinha acompanhado uma Bandeira no Sertão, confundisse (como depois fez Varnhagen) a de 1601 com a de Francisco Dias de Avila.

ções fornecidas por Glimmer para ampliar, na edição latina, a sua grande obra sobre o Novo Mundo e para enriquecer com o roteiro da Bandeira de 1601 a parte geographica que redigiu para a obra de Piso e Marcgraff. Na hypothese provavel que as informações sobre as cousas de S. Vicente que figuram na obra de Laet de 1625 tivessem sido fornecidas por Glimmer, é necessario suppôr que elle tinha voltado á Hollanda antes de ir para Bahia, ou, o que é mais provavel, que a expedição bahiana foi antes da tomada d'aquella praça pelos Hollandezes.

A clareza e precisão destas informações, prestadas muitos annos depois de se ter retirado de S. Paulo, indicam que Glimmer era pessoa de certa instrucção e posição social, o que aliás é indicado pelo seu nome fidalgo dado por Walbeck, e dotado de raro poder de observação, em virtude do qual o seu roteiro constitue um dos mais importantes documentos que possuímos sobre as primeiras explorações do sertão do Brazil.

S. Paulo, Maio de 1899.

ORVILLE A. DERBY.

